

O NORTE do DISTRITO

QUINZENÁRIO (de) FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Avença
Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

10 de Janeiro de 1966
Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XIV — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — TELEFONE 7 — N.º 313

1966

40.º Aniversário da Revolução Nacional

MAIS um ano cristão — 1965 — expirou e nessa hora fomos forçados a um pensamento de meditação da jornada breve, no tempo, mas longa no espírito, que vivemos e testemunhamos.

Durante os doze meses decorridos os portugueses procuraram, cada vez mais, reforçar a sua unidade, de corpo e alma, firmes na defesa inquebrantável da soberania nacional, que inimigos implacáveis se obstinam, desvairadamente, destruir ou inverter.

Mas, contra essa monstruosa agressão que nos é movida nas terras nossas do Ultramar, o bravo peito lusitano é muralha indefectível e coesa — exemplo admirável que é lição magnífica para a História e para a própria Humanidade.

Com os olhos postos na Pátria, os portugueses ausentes que labutam em terras alheias, minoram a saudade do berço estremecido e ufanam-se, com legítimo orgulho, da Nação a que pertencem e nunca atraíam.

Sentimento bendito esse que se acalentou de novas energias na noite Santa do Natal!

E Novo Ano surge no horizonte que — Deus o permita — seja abençoado de promissores esperanças como justo prémio do esforço lusitano.

1966 celebrará em toda a terra portuguesa uma data histórica de transcendente significado para todos nós: a Revolução Nacional do 28 de Maio.

Recordamos, a este propósito, as palavras do venerando Chefe do Estado, Senhor Almirante Américo Tomás, pronunciadas, há pouco, na sessão solene de abertura da Assembleia Nacional:

«No próximo ano terão passado 40 anos sobre o Movimento de 28 de Maio. E estando prevista para então a inauguração de algumas grandes realizações que foram o sonho e a ambição de gerações sucessivas, pensou-se em enquadrá-la em manifestações mais vastas que celebrassem condignamente o 40.º aniversário do que se tem chamado a Revolução Nacional.

De modo algum se trata de estadejar serviços prestados nos múltiplos campos em que se actuou; mas a nós próprios que vemos o tempo correr e com ele desvanecer-se a memória dos eventos passados, interessará dispor de meios de confrontação entre o que se prometeu e o que se realizou, entre as necessidades do povo e os empreendimentos que o servem, entre o ponto de partida e as estações de chegada em tudo o que interessa à vida dos indivíduos e da colectividade.

O tempo dilui o peso dos esforços e transforma em habitual e corrente aquilo que na época em que se fez se pensou ser excepcional e custoso. Mas as gerações que deixaram muito para trás as reclamadas obras de rega do Sorraia e se lançaram ao trabalho da irrigação do Alentejo; que puderam transportar o Tejo em obra sem dúvida grandiosa em todos os tempos e a maior dos nossos dias; que se mostram ao menos iguais às de há um século na estruturação em novo Código das normas do direito civil; as gerações que engrandeceram a Nação, tornando-a mais próspera, e defenderam a sua unidade, tornando-a mais sólida; essas gerações, trabalhando, lutando, sofrendo, se não devem ambicionar louvores, têm legítimo direito a que se lhes permita afirmar terem cumprido o seu dever. E se tiver de concluir-se que os princípios morais e políticos que professam foram havidos na ordem que usufruímos e no progresso de que as outras gerações gozarão mais do que nós, pode ser que ainda aqui tenhamos contribuído para reabilitar dois conceitos envilecidos — o da política e o do Governo — que, ao menos entre nós, o povo tem tendência a não prezar, pelos muitos enganos que em seu nome se lhe têm servido. E se, por fim, à volta das estruturas sociais que esses princípios permitiram criar, se fortalecer a unidade e a solidariedade dos portugueses, ter-se-á atingido o que há de essencial à obra que têm de prosseguir em comum. Assim a Providência abençoe e faça frutificar esse trabalho».

SENA

CONVERSA ENTRE NÓS...

Nós acreditamos, temos fé, que não passe de crise efémera a situação presente da nossa terra...

Como todas as crises que afligem os povos dos domínios mais variados, sempre acabam por serem vencidas e, quase sempre, de harmonia com os anseios formulados.

Em todo o caso não podemos deixar de salientar quanto nos preocupa a estagnação a que estamos devotados. Tudo parece dormir a sono solto, quando à nossa volta o sol já rompeu há muito...

Em todos os sectores que, de um modo geral, concorrem para o desenvolvimento e progresso das terras e das regiões, se nota um afrouxamento de actividade impressionante. Uma vez por circunstâncias inexplicáveis, ocasionais; outras pelo retraimento gerado por um egoísmo condenável; ainda outras pelo desejo deliberado de contrariar e diluir qualquer iniciativa desde que parta do próximo.

E seja no campo social, cultural ou económico, o micróbio tem encontrado ambiente favorável ao seu desenvolvimento e causado os maiores estragos e perturbações.

Segundo o que nos tem sido dado observar, numa posição privilegiada de que temos desfrutado, através de longos anos, e, tomando ainda como certos e insuspeitos os testemunhos de pessoas que viveram, em tempos ainda mais recuados, no meio social figueiroense, havemos de chegar à triste conclusão de que o nível baixou bastante!

O fenómeno, se assim se lhe pode chamar, tem a sua explicação. Contudo, não está no âmbito desta conversa denunciar as causas que o geraram, além do mais porque poderia ser mal interpretado o nosso esclarecimento...

No aspecto cultural recordamos o que há pouco tempo foi escrito nas colunas deste jornal, sob o título «Figueiró e o Turismo» a propósito do mesmo assunto.

E' lamentável que, nesta terra de belezas naturais extraordinárias, se vote a completo abandono e se não cultive a beleza do

«O NORTE DO DISTRITO»

Do Secretariado Nacional de Informação, recebemos um cativante ofício de felicitações e de cumprimentos, dirigido ao nosso Director, por motivo da passagem de mais um aniversário e em que se formulam votos de prosperidades e de longa vida ao serviço da Nação.

Sensibilizados com a deferência, apresentamos ao Secretariado os nossos melhores agradecimentos.

espírito.

Parece-me, até, que as bibliotecas itinerantes da Fundação Gulbenkian já por aqui não aparecem...

Várias manifestações culturais tiveram passagem meteórica por Figueiró: lembramos o Rancho Folclórico, Grupos Cénicos, a Tuna, etc.. Mas o que se nos afigura de mais grave é o pensarmos que, presentemente, se quizessemos fazer ressuscitar estas actividades, não seria possível reunir elementos para tanto.

Ainda recentemente se pretendia dar vulto à ideia de constituir um Orfeão. Pois a resposta a tão louvável iniciativa, traduziu-se por seis ou sete inscrições de pessoas desejosas de colaborar! O resto para aí ficou a cozer meias, a ingerir programas de televisão... a pensar no

E seja no campo social, cultural ou económico, o micróbio tem encontrado ambiente favorável ao seu desenvolvimento e causado os maiores estragos e perturbações.

que poderia dizer-se do crime de fazer parte de um conjunto orfeónico, a pensar, enfim, no dia de amanhã...

Neste estado de letargia não pode, efectivamente, concluir-se por melhoria do campo cultural. Antes nos parece termos andado para trás.

Também o sector económico se nos apresenta de perspectivas sombrias.

Como se sabe o nosso concelho vive, essencialmente, da agricultura. Uma agricultura paupérrima que, por aqui, bem justifica o aforismo de arte de empobrecer alegremente. Nem é à base do amanhã da terra que se conseguem economias abastadas, nem o progresso ou desenvolvimento das regiões.

A indústria é praticamente inexistente. Num concelho com uma área de 183 km², e uma população de 11 846 habitantes, apenas existem 5 unidades industriais, se bem contamos, mas nelas se empregam menos de 200 operários. Algumas outras fábricas que existiram e laboraram, principalmente de produtos resinosos e de serração, cessaram a sua actividade ou foram transferidas para outras localidades.

Por outro lado, não nos restam dúvidas, que só com o progresso industrial podemos alcançar o nosso próprio progresso e engrandecimento.

Não descortinamos, porém, onde possam encontrar-se as bases para erguer esse bem inestimável por que todos anseamos ou devíamos ansear.

A menos que, na presente con-

juntura, se não opere qualquer viragem, é lícito concluir que o futuro nos reserva amargas consequências.

Torna-se, por isso, evidente e necessário que todos os figueiroenses ponderem sobre a situação, especialmente aqueles que mantêm ou aumentaram aqui os seus bens e valores, forçosamente

(A QUARTA PÁGINA)

EMPRÉSTIMO DE MIL CONTOS

Por despacho de Sua Ex.^a o Ministro das Finanças, de 22 de Dezembro último, foi autorizada a Câmara Municipal do nosso concelho a contrair, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, um empréstimo de mil contos destinado ao resgate da concessão de energia eléctrica e à remodelação e reparação da rede da distribuição eléctrica da vila.

INSISTINDO...

Mais uma vez ousamos pedir a atenção da Câmara Municipal, para o estado lastimoso em que se encontra o pavimento do chamado Ramal de São Sebastião.

Se não se providencia, urgentemente, para que seja efectuada a sua reparação, com a invernaria rigorosa que estamos a atravessar, em breve estará intransitável.

O NOSSO ANIVERSÁRIO

«O Norte do Distrito» entra hoje no seu 14.º ano de publicação.

Revivemos, por isso, o entusiasmo com que, por muitos, foi saudado o seu aparecimento e queremos recordar, também, com profunda saudade, os bons e dedicados Amigos que no limiar da sua carreira e enquanto pertenceram ao número dos vivos, lhe deram a melhor colaboração e o mais decidido apoio.

Continuando fieis aos princípios que informaram a sua criação e permitiram, até agora, treze anos de existência é lícito esperar que perdure, no futuro, a dedicação com que os nossos estimados colaboradores, assinantes e amigos nos têm distinguido e estimulado.

Assim, poderemos continuar, sem desfalecimentos, ao serviço da nossa terra e de toda a região do norte do distrito, pugnando na defesa dos seus interesses e apoiando as suas justas e legítimas aspirações.

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 38

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLÍNICA GERAL

Telefone 98

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

CLÍNICA DENTÁRIA

Consultas às segundas-feiras (das 9 às 12 horas) e sábados.

Telefone 98

FIGUEIRO DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES



Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone PBX — 50

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos — Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9h 30m.

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos — Nariz — Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.ª e 3.ª quartas-feiras de cada mês, às 9h 30m.

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite.
Ficará bem servido.

CASA VENDE-SE

na Figueira da Foz

gaveto na Rua da Liberdade c/ rua dos Banhos. Informa-se na rua dos Banhos, 76 — Figueira da Foz.

PROPRIEDADE Vende-se

óptimamente situada, ao Bairro Teófilo Braga, com frente para a Estrada Nacional.

Possui pequena casa de habitação e terrenos anexos com árvores de fruto.

Sujeita à melhor oferta. Informa esta Redacção.

Vende-se

Terreno com alguns hectares nos subúrbios desta vila e atravessado pela Estrada Nacional.

Nesta redacção se prestam informações

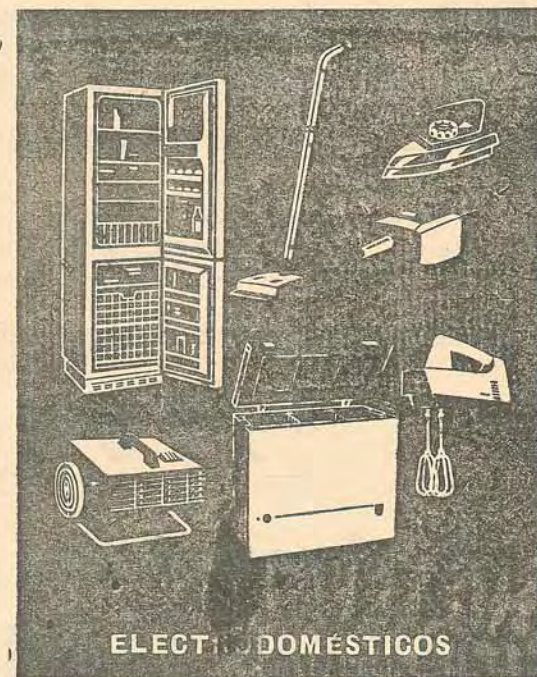
O ANTIGO Café Avenida

ALUGA-SE

quem pretender dirija-se ao seu proprietário, Joaquim da Silva — Rua Major Neutel de Abreu — Figueiró dos Vinhos.

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



ELECTRODOMÉSTICOS

TELEPHONE 105

FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os consertos em RÁDIO e TELEVISÃO

PÃO DE LÓ

Fábrica Santo António dos Milagres

Telef. 50

Figueiró dos Vinhos

O MELHOR **PÃO-DE-LÓ**
É O DA

CONFEITARIA Santa Luzia

DE **A. C. Campos**

TELEPHONE 129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soc. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS e AGENTE DA «ROBIALAC»

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MINERVA CENTRAL
TIPOGRAFIA

MINERVA CENTRAL

Executa com a maxima perfeição todo o género de trabalhos tipográficos. Modicidade de preços.

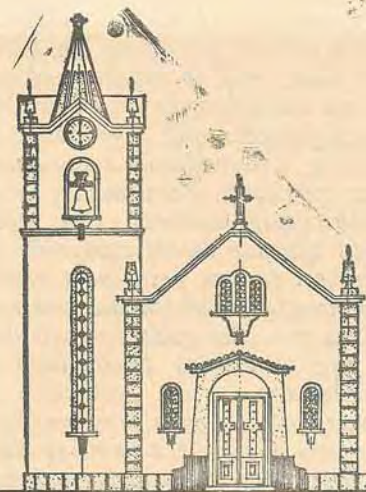
Telefone 7

Figueiró dos Vinhos

Assine este Jornal

Comissão de Melhoramentos das Bairradas

12.ª LISTA DE DONATIVOS



Saldo anterior . . . 40 957\$20

Fernando da Silva Simões (Bairradas).	500\$00
Joaquim Paiva (idem).	100\$00
Virgílio Vitorino (idem).	100\$00
José da Conceição « Canoa » Figueiró dos Vinhos . . .	150\$00
José Napoleão (idem)	30\$00
Isidro da C. Simões (idem) . . .	20\$00
Horácio Cancela (idem)	10\$00

A transportar . . . 41 867\$20

Figueiró dos Vinhos, 6 de Dezembro de 1965.

A COMISSÃO

O MILHÕES

—(DE MAGNIFICAT)—

(Continuação do número anterior)

O homem é o que for a sua personalidade e vale quanto pesam as suas acções. Quantas vezes o Homem forjou o seu carácter tomando atitudes coerentes e legando à História o exemplo do seu heroísmo, alheio e adverso até ao «que dirão» —vão receio dos que nada fazem — preferindo antes conservar num anonimato mais heróico que os próprios feitos de heroicidade, os títulos de glória com que foram galardoados.

Aos verdadeiros heróis não satisfaz nunca a lisonja. Eles tão prontos a cometer actos de bravura têm medo dela, da adulação. Fogem-lhe porque conhecem o valor perecedouro e inútil da glória humana. A sua aspiração é eterna como eterno será o galardão da sua virtude.

E' dum destes Heróis que vamos falar. Um dos grandes Heróis Portugueses que tanto enalteceram a nossa Pátria, servindo-a, defendendo-a, jogando a própria vida, salvando a dos outros num esforço supremo de dedicação e altruísmo exemplar.

O «Milhões» não foi um protegido da sorte que perante o dilema «matar ou morrer» disparasse medroso para defender a pele! «Milhões» foi o Homem que não se retirou da frente de La Lys e aguentou, de peito voltado às balas inimigas, cobrindo a retirada do exército aliado, na derrocada de 9 de Abril de 1918!...

Nunca o simples soldado, sereno valente, imaginou a glória que o seu arrojo de seis dias de luta lhe conquistava. E, quando se viu vinte vezes condecorado, com o peito constelado de meda-lhas, na sua modestia e simplicidade, que é virtude, ansiava apenas por voltar à sua aldeia e esconder a bravura na humildade do seu lar. E a sua história foi-se esquecendo. O seu nome lendário quase se apagou como o da sua desconhecida terra.

E' assim o Homem: é assim o Herói. Mas por agora falemos do Homem para reconhecer o Herói.

Numa das mais lindas aldeias tipicamente transmontanas onde nasci, meu pai entretinha-me a contar às vezes, no serão, os feitos gloriosos dos nossos bravos heróis e santos. Quando me falava do «Milhões», o semblante do meu «historiador» iluminava-se. Ganhava uma vivacidade invulgar. A sua eloquência obrigava-me a arregalar os olhos e a ficar suspenso dos seus lábios, encavalitado num seu joelho. Os outros ouvintes fitavam-no como eu, silenciosos, como se ele contara a maior epopeia de maravilha dum português. E, com certo tom de orgulho findava a narrativa afirmando: «é meu parente!» — como se partilhasse da glória do seu herói.

26-9-63 — Serpenteando as colinas de vinhedos abundantes nos termos da minha aldeia, desci a ribeira cujas águas se juntam às do meu poético Tinha.

Sempre subindo pelo caminho estreito, num percurso de quase três horas, uma exposição admirável de poesia e encanto foram todos os quadros que os meus olhos fixaram com surpresa e maravilha.

Não levava guia. Custou-me a dar com a casa amiga dos velhos «parentes» que não via há muito. Que importava?! Acaso se

pode pôr em dúvida a hospitalidade do Povo transmontano? Sincero e franco na sua amizade, o serrano é magnânimo, pródigo até. Quem o visita é um amigo. E a amizade é argumento que ele demonstra com factos.

Estava, portanto, em Valongo. É uma pequena localidade do concelho de Murça. Valongo de Milhais tem o nome do nosso herói por despacho ministerial em homenagem ao bravo combatente. Estou em sua casa, acolhida, farta e linda — que é bem a casa portuguesa. Sobre a porta da entrada, a dar-me as boas-vindas, uma linda imagem da Padroeira de Portugal que é a Rainha e Mãe dos Grandes Portugueses. Tenho-o diante de mim tal qual foi e é ainda: modesto e simples, de sorriso franco e conversação agradável.

E' um homem baixo. 1 metro e 55 centímetros. Testa inteligente; olhar penetrante; rosto simpático, com farto bigode semigrisado. Veste modestamente. Chegara havia pouco do campo que ainda dirige e amanha. As suas mãos têm a nobreza dos calos que o honram tanto como as condecorações que lhe puseram no peito. Comenta: «O homem nasceu para trabalhar!»

Filho de António Manuel e de Umbelina Milhais, nasceu o ANÍBAL AUGUSTO MILHAIS em 9 de Junho de 1895. Tem por conseguinte 70 anos feitos no ano findo e a sua fisionomia não aparenta mais. O nome de Aníbal marcou-lhe logo no Baptismo a sua futura valentia militar...

Continua no próximo número

Pagamento de assinaturas

Tiveram a gentileza de actualizar as assinaturas do nosso jornal os prezados amigos e Senhores:

— António Manuel David Carvalho, ausente em Santos — Brasil;

— Sebastião Mendes Medeiros, empregado industrial, residente em Évora;

— Joaquim Lopes Barra, funcionário da Direcção de Urbanização de Leiria, nesta vila;

— Augusto Simões Medeiros, morador em Lisboa;

— António Fonseca, proprietário, residente em Carapinhal;

— Acácio Almeida Santos, conceituado comerciante na Beira — Moçambique; e

— Domingos Simões, residente em Salgueiro da Ribeira.

A todos os melhores cumprimentos e o nosso muito obrigado.

Agradecimento

Hermeia Lopes e Silva Reis, Alfredo David dos Reis, Maria Amália Silva Reis, residentes na Beira, província de Moçambique, e António Lopes e Silva, Adelina de Almeida Lopes, viúva, Amadeu de Almeida Lopes e Maria Fernanda Almeida Lopes, residentes em São Paulo — Brasil, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que de qualquer modo manifestaram o seu interesse pelo estado de saúde de sua muito chorada mãe, sogra, avó, irmã e tia, Palmira de Almeida Lopes, viúva, bem assim a acompanharam à sua última morada.

Visado pela Comissão de Censura

Filarmónica Figueiroense

Cumprimentos de Boas-Festas

A prestigiosa Filarmónica Figueiroense apresentou no primeiro dia do ano, cumprimentos de Boas-Festas a toda a população da nossa vila, tendo recebido os seguintes donativos, pelo qual a sua Direcção, por intermédio do nosso Jornal, apresenta os sinceros e reconhecidos agradecimentos.

Com 500\$00 cada, os Senhores Manuel de Freitas Lopes e Júlio Furtado da Silva.

Com 100\$00 cada, os Senhores Dr. Henrique Vaz Lacerda, Aníbal Silveira Herdade, Antero Simões Barreiros, Albertino Guedes, Francisco dos Santos, José Simões Coelho e José Guerreiro Machado.

Com 50\$00 cada, os Senhores Dr. Manuel Alves da Piedade, Angelo David e Silva, Joaquim Marques Fouto, Juvenal Augusto Mendes, Fernando Rosa, Adelino Fernandes — Chãvelho, José Felix Miranda, Fernando Lourenço, Hermenegildo Quaresma Ferreira, António Luís.

Com 25\$00 cada, a Sr.ª D. Beatriz da Graça e o Sr. José Silva Conceição.

Com 20\$00 cada, os Senhores Artur S. de Sousa, Adérito Arinto, João Morgado, Alcides Silva, Adelino de Almeida, Higino de Jesus Silva, Vítor do Carmo Correia, Américo Soares, Jerónimo Dias Paiva, José Simões Junior, Silvio Alexandre, Manuel da Silva — Caparito, João Simões Rodrigues, Júlio Ventura — Telhada, Luís Martins dos Santos, Dr. Domingos Duarte, Inácio Teixeira, Basílio Ribeiro Moutinho, Narciso da Conceição Santos, Sebastião Guimarães, João David Campos, João Campos Feitor, Manuel Gamero, Abílio Oliveira de Carvalho, Vasco da Conceição Silva, Fernando da Conceição Pires, Artur dos Santos Mateus, Marinho Medeiros, João Jesus Nunes (tio), Augusto David de Jesus, Manuel do Carmo Rodrigues, Higino Gonçalves de Mesquita, José Manuel Louro, Horácio dos Santos Oliveira, Manuel Dias dos Reis, José Maria Silveiro, Joaquim Estevão Rodrigues, Manuel da Silva Nunes, João Rocha, Carlos Lopes dos Santos, Acácio Leal, António da Silva Miranda, Constantino David dos Reis, António Quaresma da Cruz, Sesinando Loja, José Luís, Juvenal da Conceição Simões, Manuel Gaspar, José Mendes Barreiros, Fernando Esteves, Manuel Domingues, Manuel Simões de Almeida, Manuel Henriques da Conceição, Carlos Godinho, Vítor Hugo Conceição Carvalho, Eusébio de Almeida, Luís Ataíde, João Pedro Machado, Albino dos Santos, Manuel Vicente Santana, Joaquim Marques, António de Jesus Lopes, Tomás Granada, António Coelho Simões, Fernando Lopes Mendes, Artur Guimarães, Gerência do Hotel Terrabela e do Café Novo Horizonte, e ainda as Sr.ªs D. D. Marquinhos Valadão, Silvina Sá, Maria Feitor Silva, Palmira Godinho de Sá e Ilda Alves Leitão.

Com 10\$00 cada, os Senhores Manuel da Silva, José da Silva, José Napoleão, Felisberto Simões, Aníbal Bruno, Américo Maria Duarte, Ferreira (Padeiro), José Pereira Mendes, Daniel, Manuel Simões Fidalgo, Anselmo Tomás Agria, Isidoro Maria da Conceição, António ((Bate-chapas)), Joaquim Jorge — Bouça, Fernando Granada, Manuel Gregório, José Lopes — Chãvelho, João da Conceição Costa, Almerindo da Conceição Augusto, Manuel Dias Rosa, José Mendes Granada, António Fabre

dos Reis, Aníbal da Conceição Santos, Jorge da Silva Telhada Lopes, António dos Santos Bannudo, Luís da Silva Feitor, António Luís Nunes, Domingos Lopes Leitão, Gerência da Adega dos Passarões e ainda as Senhoras Donas Rosa Camozas, Alice Nunes, Beatriz da Conceição Santos, Cesaltina Curado, Laura Simões de Almeida e Angélica Fonseca.

Com 7\$50 cada, a Sr.ª D. Maria do Céu Almeida e o Sr. Alberto Nogueira.

Com 5\$00 cada, os Senhores Manuel Martins da Silva e António da Silva, do Forno Telheiro, Manuel Rosa, Fernando da Silva, Alfredo Batista, Eduardo Leitão, Custódio Silveiro, Manuel de Jesus, António Tomás, José Alves Henriques e João António Correia, e as Sr.ªs D.ªs Alice da Conceição e Adelina da Conceição Fonseca.

Com 2\$50 cada, os Srs. Nicolau Martins, Joaquim Aristides, Firmino Nunes Lima e com 2\$00 o Sr. Manuel Silveiro.

Verifica-se, porém, que a nossa Filarmónica ainda conta com um bom e dedicado número de figueiroenses, bairristas conterrâneos e dedicados à terra Natal.

Não restam dúvidas porém que no ano transacto a Filarmónica marcou presença de relevo em todas as festividades que abalhou, pois que, não só deu colaboração no nosso concelho como em circunvizinhos, tais como Pedrógão Grande, Sertã, Alvaizere e Ansião.

Todavia este ano depara-se à nova direcção a eleger nestes próximos dias, um problema de veras complicado e para o qual a Filarmónica voltará novamente à presença dos conterrâneos, que desta vez não prestaram apoio material.

Trata-se da angariação de verbas para a compra dum novo fardamento.

E' que em épocas transactas a Filarmónica Figueiroense marcou inextinguível presença nas Festas da Rainha Santa, em Coimbra.

E nós, Figueiroenses, com o orgulho que sempre temos em todos os actos que digam respeito à nossa querida terra e consequentemente ao seu engrandecimento, não podemos deixar passar em branco mais uma importante oportunidade.

Assim, com fé e dedicação esperamos a boa compreensão de todos os figueiroenses, para que em 1966, a Filarmónica Figueiroense continue a marcar presença, digna de todos nós.

"FERNANDES, MARTINS & DIAS, L. DA"

CERTIFICO que, por escritura de 10 de Dezembro de 1965, lavrada de fls. 27 v.º a fls. 30 do livro de notas para escrituras diversas n.º 232, do Cartório Notarial de Pedrógão Grande, a cargo da notária Licenciada Rosa Maria Duarte Reis de Oliveira, foi constituída entre Alberto Fernandes Onofre, José Fernandes Onofre, Manuel Martins Tomaz e José Dias, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «FERNANDES, MARTINS & DIAS, LIMITADA», fica com a sua sede no lugar da Picha, freguesia e concelho de Pedrógão Grande, e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início na data de hoje.

Orçamento Municipal

Na última sessão camarária, que se realizou no dia 27 de Dezembro próximo passado, foram aprovados os orçamentos ordinários, para o ano de 1966, do Município e da Comissão Municipal de Turismo.

As receitas e despesas atingem os montantes de 4 727 655\$00 e 6 708 1\$00, respectivamente.

2.º

O seu objectivo é a exploração de diversas públicas populares, podendo no entanto explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem, e não seja proibido por lei.

3.º

O capital social, inteiramente realizado, em dinheiro, é de 100 000\$00, dividido em quatro quotas iguais, de 25 000\$00, uma de cada sócio.

4.º

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer os suprimentos de que a sociedade carecer, com ou sem vencimento de juros, conforme for deliberado.

5.º

As cessões de quotas são livremente permitidas entre os sócios, carecendo a cessão a estranhos do consentimento escrito dos sócios não cedentes.

6.º

A gerência social, dispensada de caução, fica afectada a todos os sócios, podendo qualquer deles assinar os documentos de mero expediente, porquanto os que envolvam obrigação ou responsabilidade para a sociedade deverão ser sempre assinados, em conjunto, por dois gerentes;

§ ÚNICO — Fica expressamente vedado aos gerentes assinar em nome da sociedade letras de favor, fianças, abonações e em geral documentos alheios aos negócios sociais.

7.º

Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade subsistirá entre os sobreviventes ou capazes e os herdeiros do falecido ou o representante legal do interdito, devendo os mesmos herdeiros ser representados só por um, à sua escolha.

8.º

Anualmente será dado balanço com referência a 31 de Dezembro. Os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento, pelo menos, para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, bem como os prejuízos, na proporção das suas quotas.

9.º

A sociedade dissolve-se nos casos legais. Dada a dissolução são liquidatários todos os sócios, que procederão à sua liquidação ou partilha como combinarem; na falta de acordo, será o material social, com todo o activo e passivo, adjudicado ao sócio que maior preço e melhores vantagens oferecer, em licitação verbal aberta entre eles, para o efeito.

10.º

As assembleias gerais, sempre que a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas com a antecedência mínima de oito dias.

ESTA' CONFORME AO ORIGINAL, e declara-se que a parte omitida nada há em contrário ou além do que na certidão se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Pedrógão Grande, 29 de Dezembro de 1965.

O Ajudante do Cartório,

(a) Amândio Duarte Canelas

Porque foi decapitado O CRISTO do Convento do Carmo?

A propósito do artigo publicado neste jornal, no seu número de 10 de Dezembro último, da autoria do nosso colaborador Sr. Constantino Reis, em que se denunciava o desaparecimento da cabeça da imagem de um valioso *Cristo Crucificado* existente no Convento do Carmo desta vila, teve o nosso prezado confraternal, Sr. José Rodrigues Dias, no jornal «A Regeneração», judiciosas e oportunas considerações.

Têm para nós tanto mais valor quanto é certo, que da parte de quem de direito não nos consta que se tivesse esboçado qualquer diligência no sentido de o insólito atentado ou crime, ser esclarecido ou investigado. Tudo decorre como se nada de anormal tivesse acontecido ou não merecesse um pouco de atenção!

Tudo o que a tal respeito sugere o Sr. Rodrigues Dias, é digno de ser considerado e acreditamos, até, que as suas palavras tenham melhor eco de que teve o cumprimento, por parte do nosso colaborador, da recomendação do seu progenitor!...

Nesta terra tão falha de apaixonados da investigação histórica e das coisas do passado que lhe dizem respeito nos mais diversos campos, é consolador verificar agora o interesse e carinho com que o Sr. Rodrigues Dias se nos apresenta a tratar este caso. E se o seu aclaramento nos interessa sobremaneira, não nos desagrada menos constatar a revelação de um distinto figueirense a manifestar o desejo de agitar um problema que, para quem escreve estas linhas, pode muito bem servir para estimular o gosto pelas coisas do passado, afinal a verdadeira razão da nossa grandeza no presente.

Queremos dizer que perfilhamos a sua opinião de, a par da investigação criminal que se impõe, decorrer também a investigação histórica tendente a revelar a identificação do herói da Índia que teve o seu berço em Figueiró. E não se pense ser de todo infrutífera ou descabida essa pesquisa, pois que de acordo com certos investigadores,

FALECIMENTO

No dia 24 do passado mês de Dezembro, faleceu nesta vila, o Sr. Artur Napoleão, viúvo, de 84 anos de idade.

Era pai da Sr.^a D. Adelaide da Conceição Napoleão, solteira, e dos nossos prezados amigos e assinantes Sr. Adelino Napoleão, casado com a Sr.^a D. Maria Rosa Paiva Dias Napoleão, ausentes na cidade da Beira-Moçambique e Sr. José da Conceição Napoleão, comerciante nesta vila, casada com a Sr.^a D. Ana da Conceição Barreto Napoleão, e avô dos Srs. Manuel, José, Adelino da Conceição Barreto Napoleão e do menino António Fernando Barreto Napoleão.

Porque o extinto gozava no meio de gerais simpatias o seu funeral, que no dia seguinte se realizou para o cemitério local, foi bastante concorrido nele se tendo incorporado pessoas de todas as categorias sociais.

A toda a família enlutada, em especial àqueles nossos assinantes, apresentamos sentidas condolências.

foram alguns os nossos confraternalos que combateram nessas terras longínquas e maravilhosas do Oriente. Assim, a par de outros, eram provavelmente de Figueiró: *Cristóvão de Figueiró*, que militava na Índia em 1505, *António de Figueiró*, que militava também na Índia em 1507, *Gaspar de Figueiró*, que militava em Safim em 1510 e *João de Figueiró*, em 1513.

É possível que os arquivos continuem a guardar para sempre um segredo que todos gostaríamos de ver desvendado, se não houver quem se disponha a consumir algum tempo em busca de tão interessantes elementos.

Atravemo-nos a lembrar precisamente o nome do Sr. José Rodrigues Dias, a quem não faltam méritos e qualidades, como o indicado para se dedicar a essa missão que, certamente, demandará trabalho exaustivo, mas de êxito assegurado dentro dos limites do possível. Legitimam esta nossa sugestão não só a cultura e a faceta de estudioso de que é possuidor, como também a sua qualidade de figueirense.

Quanto às circunstâncias em que ocorreu a decapitação da imagem e os motivos que a determinaram não nos compete, por agora, senão aguardar que alguma coisa se faça no sentido de esclarecer ou tentar esclarecer o mistério.

A obrigação moral do nosso colaborador, Sr. Constantino Reis, foi cumprida e a nossa missão de acolher e proteger as causas justas também.

CASAMENTOS

No dia 27 de Dezembro último realizou-se na Basílica de Fátima o enlace matrimonial da Sr.^a D. Maria Amélia da Conceição Martins Medeiros, professora do ensino primário oficial, filha da Sr.^a D. Isaura da Conceição Martins Medeiros e do Sr. Aníbal Guimarães Mendes Medeiros, zeloso funcionário da Agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa nesta vila, com o Sr. Delmar Domingos de Carvalho, aspirante de finanças em Vila Nova de Ourém, filho da Sr.^a D. Luísa Domingos Carvalho e do Sr. António Domingos de Carvalho, abastado proprietário no lugar de Alagoa — Pedrógão Grande.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a Sr.^a D. Silvina dos Anjos Alves Gaspar Medeiros e marido Sr. José dos Anjos Medeiros, funcionário do Tribunal Judicial desta comarca e, pela do noivo, o Sr. Joaquim Domingos de Carvalho, conceituado comerciante em Almodôvar e a Sr.^a D. Carolina Rosa, residente em Casal da Pevide, freguesia de Vila Facaia.

Finda a cerimónia foi oferecido aos numerosos convidados na Casa das Dominicanas na Cova da Iria, um fino copo-d'água.

Os noivos, que vão fixar residência em Vila Nova de Ourém, seguiram em viagem de núpcias pelo País.

Com os nossos parabéns, desejamos-lhes um futuro repleto de felicidades.

Também no dia 12 do passado mês de Dezembro, na Igreja

CAMINHAMOS PARA OS DOIS MILHÕES DE TURISTAS

«Caminhamos, agora, para os dois milhões de turistas: pode prever-se, como muito provável, atingir esse objectivo em 1966; pode ter-se como certo ultrapassá-lo em 1967».

Estas palavras, que bem revelam o extraordinário surto do turismo em Portugal, foram proferidas pelo Dr. Paulo Rodrigues, ilustre Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, na reunião do Conselho Nacional de Turismo. O principal responsável por este progresso, a cuja inteligência, dinamismo e capacidade de trabalho se devem as linhas mestras orientadoras daquele importante sector, acrescentou que, no corrente ano, as receitas provenientes do turismo estrangeiro devem exceder os 4500 mil contos, importância que bate, de longe, as receitas proporcionadas pelas principais mercadorias exportadas. Mais ainda: a receita média por turista em Portugal, no ano de 1964, atingiu o valor de 3479 escudos (121 dólares), superior ao verificado na Itália e em Espanha que registaram, respectivamente, 98 e 89 dólares.

Tudo isto, já é muitíssimo importante (e não cabe em tão reduzido espaço referência completa ao que se fez e ao que se pretende fazer), abre rasgadas perspectivas à indústria do turismo. Como bem acentuou o Dr. Paulo Rodrigues, «os próprios factores determinantes de crescimento em curso das correntes turísticas (o aumento de nível de vida, o aperfeiçoamento dos transportes e a velocidade crescente das deslocações, o alargamento dos períodos de férias) processam-se no sentido de abrir roteiros turísticos mais amplos, que tentem a abranger-nos. Por outro lado, tudo isto indica que

as preferências dos mercados turísticos se acentuarão no rumo ao sol e ao mar — no nosso rumo. Quer dizer: da contemplação do volume dos mercados exportador de turistas e da nossa taxa de importação, e da análise dos factores que influem no crescimento e nas tendências previsíveis naqueles mercados, podemos legitimamente inferir que está garantida procura bastante para permitir o rápido aumento do nosso surto turístico e firmeza suficiente para lhe assegurar conveniente estabilidade».

Não se cuide, no entanto, que poderemos dormir à sombra dos proveitos conquistados. O impulso e o auxílio do Estado vão continuar. Da valorização turística do país — sublinhou o Dr. Paulo Rodrigues — está feito o mais difícil. «O caminho percorrido permite, já, atribuir aos investimentos nas indústrias turísticas o atractivo bastante para fazer afluir ao sector os capitais privados de que carece. Isto não significa que possa desaparecer ou sequer afrouxar de ritmo o estímulo oficial que, na verdade, há-de manter-se e crescer: significa, apenas, que tem de aumentar também — como tudo faz prever — o interesse dos capitais privados por um sector da economia em rápida e segura progressão».

Intérprete fiel duma política de bem comum, a obra lançada pelo Dr. Paulo Rodrigues é garantia mais do que suficiente de um porvir que se deseja sempre melhor.

AVELAR

Baptizado

Realizou-se no passado dia 1, na Igreja de N.^a Sr.^a da Guia em Avelar, o baptismo do Menino Alexandre Jorge Moreira de Sousa e Silva, filho da Sr.^a Dr.^a D. Maria José Falcão Moreira de Sousa e Silva e do Sr. Engenheiro-Agrônomo José Luís da Silva, funcionário da Estação de Algodão de Faro, e neto materno da Sr.^a D. Clotilde Falcão Moreira de Sousa e do Sr. Joaquim Moreira de Sousa.

Finda a cerimónia religiosa foi servido em casa dos Avós do neófito um banquete servido pela Pastelaria Império de Coimbra, a numerosos amigos da distinta família.

A festa prolongou-se pela noite adiante, em ambiente de alegria.

Formulamos os nossos votos de felicidade para o Bêbé e sua família.

Falecimentos

No dia 22 de Dezembro último faleceu na sua residência nesta vila, a Sr.^a D. Palmira de Figueiredo Medeiros, professora aposentada, de 83 anos de idade, viúva do conhecido Farmaceutico Sr. José Augusto de Medeiros.

A extinta era tia e mãe adoptiva do Sr. Dr. José Emídio de Figueiredo Medeiros, advogado, casado com a Farmaceutica Sr.^a D. Maria Alice David Abreu Medeiros e avó dos Meninos Maria Lúcia, Maria José, Maria Margarida, José Miguel e José Augusto Abreu Medeiros.

Era tia do Sr. Dr. Manuel A. Fernandes Medeiros, médico, casado com a Sr.^a D. Adelina Medeiros, e do Sr. Eng.^o Sérgio de Medeiros, casado com a Sr.^a D. Gabriela de Medeiros.

CONVERSA ENTRE NÓS...

desvalorizados, dia-a-dia, se se mantiverem os factores determinantes deste baixo nível industrial.

Esta e outras perspectivas alarmantes, longe de constituírem desânimo, devem antes servir de encorajamento para dirigirmos os nossos esforços no sentido de virarmos o curso dos acontecimentos para não termos, amanhã, de nos penitenciar por negarmos o nosso interesse e atenção a causa tão justa e importante.

A solução dos problemas sumariamente focados não compete a alguns, mas está na obrigação de todos.

Se quisermos enfrentá-los não podemos protelar por mais tempo um arranque decisivo, que terá de traduzir-se na mobilização das influências políticas, das relações pessoais, no investimen-

Se quisermos enfrentá-los não podemos protelar por mais tempo um arranque decisivo, que terá de traduzir-se na mobilização das influências políticas, das relações pessoais, no investimento dos capitais que repousam improdutivo no fundo das gavetas...

to dos capitais que repousam improdutivo no fundo das gavetas...

Sobretudo há que criar uma mentalidade, o convencimento de que, actualmente, não podemos só olhar e proteger os nossos interesses individuais. Antes, não existe melhor maneira de os assegurar e fazer progredir, do que trabalhar também no interesse e a favor da colectividade.

De qualquer maneira, se as coisas não evoluírem e não nos libertarmos deste marasmo, em breve seremos ultrapassados — se já o não fomos — pelas terras vizinhas e bem negras perspectivas se nos deparam para o futuro.

J. A. N.

Nascimento

Na Clínica Dr. Daniel de Matos, em Coimbra, a Sr.^a D. Deolinda Folgado da Silva Granada, dilecta esposa do nosso amigo e prezado assinante Sr. António da Silva Granada, activo comerciante nesta vila, deu à luz uma robusta menina, no dia 2 do corrente.

Associando-nos à alegria do simpático casal, desejamos para a pequenita um futuro pleno de venturas.

O seu funeral, realizado no dia seguinte, foi sentida manifestação de pesar, tendo-se incorporado amigos de Lisboa, Coimbra, Ansião, etc..

No passado dia 19 de Dezembro faleceu em Avelar o Sr. Alberto Lopes, proprietário, casado com a Sr.^a D. Maria de Jesus Fernandes e pai da Sr.^a D. Isilda de Jesus Godinho Lopes, casada com o Sr. José Godinho Mendes Lopes, comerciante e Tesoureiro da Junta de Freguesia, e da Sr.^a D. Maria Celeste e D. Maria Adelaide Fernandes, casadas, ausentes em Moçambique.

Dado que o extinto gozava no meio de gerais simpatias, o seu funeral foi bastante concorrido nele se tendo incorporado pessoas de todas as classes sociais.

C.